

ESTUDO DA MATERNIDADE EM MULHERES CIENTISTAS PROFISSIONAIS DE CAMADAS MEDIAS NO NORTE DO BRASIL

Violeta Sarai Salazar Salazar¹

Resumo:

Estudar a experiência da maternidade por mulheres cientistas faz parte da minha pesquisa de mestrado. Nessa oportunidade apresento a experiência de duas mulheres cientistas e acadêmicas, mulheres que ganharam filhos e assumiram o papel social de serem mães. Mães de crianças de até sete anos, que conciliam, negociam, articulam e organizam suas vidas, em seus encontros e desencontros com a carreira acadêmica e científica. As interlocutoras estão em etapas diferentes da carreira acadêmica, uma delas é casada, tem dois bebês de menos de 3 anos e cursa o doutorado, além de ser professora. A outra é separada do pai de seu filho de 7 anos, tem 16 anos como doutora, já atuou como professora e hoje trabalha com ciência e biotecnologia. Ambas têm realidades diferentes de uma rede familiar de apoio. No entanto, a demanda das crianças por atenção exclusiva da mãe representa um dos conflitos da experiência humana destas mulheres. As mulheres que participaram da pesquisa referem-se a uma sensação de não estarem sendo tão produtivas quanto precisariam ser. A realidade da maternidade destas mulheres cientistas e acadêmicas é semelhante à das outras 40 mulheres que fazem parte da minha pesquisa, enfrentam desafios, agonias e alegrias, na responsabilidade da criação dos filhos e conciliação com a carreira profissional.

Palavras-chave: Mulher-mãe; ciência; maternidade.

Abstract:

Studying the experience of motherhood by female scientists is part of my master's research. In this opportunity I present the experience of two women scientists and academics, women who have had children and assume the social role of being mothers. Mothers of children up to seven years old, who conciliate, negotiate, articulate and organize their lives in their encounters and disagreements with their academic and scientific careers. The interlocutors are at different stages of their academic career, one of them is married, has two babies under the age of three and is pursuing a doctorate, in addition to being a professor. The other is separated from the father of his 7-year-old son, is 16 years old as a doctor, has served as a teacher and now works with science and biotechnology. Both have different realities than a family support network. However, the demand of children for the exclusive attention of the mother represents one of the conflicts in the human experience of these women. The women who participated in the survey refer to a feeling that they are not being as productive as they need to be. The reality of the motherhood of these women scientists and academics is similar to the other 40 women in my research who face challenges, agonies and joys in the responsibility of raising children in reconciliation with their professional career.

Keywords: Woman-mother; science; motherhood

¹ Possui graduação em Engenharia Florestal na Universidad de Los Andes, Venezuela. É mestranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Gênero, Família, Conflitos e Sexualidade, Azulilás.

Introdução

Esse trabalho faz parte de minha pesquisa de mestrado sobre maternidade entre mulheres de classe média com escolaridade a partir do nível superior. Brasileiras e venezuelanas que moram em países da América Latina. Vivendo processos de migração, divórcios, escolhas entre a vida profissional e serem donas de casa no cuidar dos filhos, ao mesmo tempo tem uma constante busca por ser “a mãe perfeita” ou a “boa mãe”. Acompanho a experiência da maternidade de 40 mulheres que se expressam em grupos de WhatsApp, perfis de Instagram e Facebook, algumas delas conheci pessoalmente. As redes sociais me servem para acompanhar suas alegrias, reinvidicações, desabafos, e tristezas na maternidade.

Nesse trabalho pretendo apresentar a experiência de duas mulheres cientistas e acadêmicas, mães de crianças de até 6 anos, e que vivem a maternidade em seus encontros e desencontros com a carreira acadêmica e científica. As interlocutoras estão em etapas diferentes da carreira acadêmica, uma delas é casada, tem dois bebês de menos de 3 anos e cursa o doutorado, além de ser professora. A outra é separada do pai de seu filho de 6 anos, tem 16 anos como doutora, já atuou como professora e hoje trabalha com ciência e biotecnologia. Ambas têm realidades diferentes de uma rede familiar de apoio. No entanto, a demanda das crianças da atenção exclusiva da mãe, representa um dos conflitos da experiência humana destas mulheres.

Os acadêmicos, homens e mulheres, não trabalham só no horário de expediente na universidade ou laboratório. Projetos, artigos e relatórios científicos exigem que se tenha disponibilidade para extrapolar o horário de expediente, precisam ser feitos em casa, enquanto as crianças dormem e/ou quando geralmente as creches não funcionam. As mulheres que participaram da pesquisa, referem-se a uma sensação de não estarem sendo tão produtivas quanto precisariam ser. A realidade da maternidade destas mulheres cientistas e acadêmicas, é semelhante à das outras 40 mulheres de minha pesquisa, enfrentam desafios, agonias e alegrias, na responsabilidade com a criação dos filhos e a conciliação com a carreira profissional.

O artigo objetiva apresentar a experiência de duas mulheres cientistas e acadêmicas, que decidiram viver a experiência da maternidade como parte de seu processo de vida como mulher. Mães de crianças de até seis anos, que conciliam, negociam, articulam e organizam suas vidas, em seus encontros e desencontros com a carreira acadêmica e científica.

Estudando maternidade

Considero que mostrar esta pesquisa permite dar um olhar a uma parte da vida humana, que pareça estar “naturalmente” associada à mulher. Porém, estudar a maternidade na contemporaneidade representa um amplo universo de ideias, organizações e até movimentos sociais, políticos, de saúde, entre outras atividades que acompanham e constroem as maternidades atuais, representadas por mulheres que, em sua maioria, têm parido uma pessoa. Ainda que a construção de uma pessoa em sociedade é responsabilidade e consequência da interação com o entorno; nas sociedades ocidentais latino-americanas, a figura da mulher mãe, aquela que se reproduz através da gravidez e pare a criança, é também a que deve orientar, decidir, educar e socializá-la. Sendo então a responsável pelo resultado na construção social e não só na produção biológica daquele indivíduo. Nas novas maternidades, as mulheres-mães em sua maioria estão preocupadas com a educação, criação, bem-estar, alimentação, saúde e demais cuidados com as

crianças. São elas, as mães, quem representam a figura principal, imediatamente responsável pelo que resulte daquela pessoa, ela sabe e o entorno também.

Um aspecto importante a considerar, para compreender a formação de novas maternidades, são as mudanças acontecidas na segunda metade do século XX dentro da instituição familiar do mundo ocidental. Segundo o sociólogo francês François de Singly (2000 *apud* ZANOTTA, 2001) o número de divórcios aumentou, diminuíram os casamentos, menor número de filhos, famílias monoparentais, “famílias recompostas” e o trabalho assalariado das mulheres seria um dos fatores que originou as mudanças da família. Sobre estas mudanças, Bruschini, uns 10 anos antes que Zanotta, já estava fazendo referência em seu artigo, “A nova família” publicado em julho de 1985, aos sinais ou traços de mudança observados entre alguns segmentos das camadas médias do Rio de Janeiro: a separação, o casamento sem coabitação, o papel da avó, a nova maternidade, as mães solteiras, os casais grávidos e a opção por ser “single”, eram as novas conformações familiares do final do século.

A maneira de comparação, considero oportuno falar sobre as famílias de classes populares. O conceito de “tipo ideal” estabelecido por De Parson nos anos 50 (HITA, 1998 *apud* WIGGERS 2000, p. 53) propõe a elucidação e identificação de elementos dos modelos tidos no Brasil como o da família hierárquica de classes trabalhadoras. O que significa um modelo altamente hierarquizado na divisão de tarefas no interior do lar: ao homem caberia o espaço público da rua, do trabalho, do bar, onde se atualizaria e afirmaria sua masculinidade, à mulher caberia o cuidado da família, do marido e da casa, e a esta estaria reservado ao espaço doméstico.

Aparentemente, nas camadas médias, destaca-se a modernização da família brasileira no período posterior a 1950, ancorados no marco teórico do individualismo, os trabalhos sobre família descrevem “uma família igualitária, ao mesmo tempo que se imputa maior valor à opção e à vida pessoal, ao privado e ao subjetivo, por oposição aos valores hierarquizados” (BRUSCHINI, 1990). Um dos aspectos observados entre as mulheres que fazem parte dessa pesquisa é o interesse pela educação e o cuidado com a prole. As organizações laborais, o rol dos sexos, a informação diária de novas descobertas e publicações de informação sobre o bem-estar das crianças, modificam consideravelmente as conformações, decisões e arranjos familiares contemporâneos.

Um dos aspectos a ressaltar nas transformações e mudanças da instituição familiar, principalmente daquelas gestadas nos estratos médios urbanos, é a influência da informação inovadora e “modernizantes” que vai se promovendo através de diferentes atores e instituições sociais. Estas inovações afetam a vida doméstica e vai gerando novos estilos de vida, criando “próprios emblemas simbólicos” (ROMANELLI, 1986, p. 77 *apud* BRUSCHINI, 1990).

É assim que este trabalho mostra as experiências de duas mulheres cientistas de classe média, olhando para as estratégias e arranjos criados a partir de novos modos de “ser mãe”, novas organizações familiares e novas formas de criação e cuidado de cada uma das pessoas que faz parte daquele núcleo, família ou casal. Carneiro (2011), questionava: “Por que não se poderia pensar em maternidades contra-hegemônicas também nas camadas médias, entre mulheres brancas, letradas e conveniadas de planos privados de saúde ou entre as adeptas do parto humanizado presentes em nossa sociedade?”. Falando de famílias contra-hegemônicas, mulheres e homens que planejavam e construam famílias onde os labores do lar, o gênero, a presença ativa do homem na criação dos filhos, ou a independência da mulher na criação do filho sozinha, são algumas das características dos novos arranjos familiares.

O campo materno

Este artigo apresenta a pesquisa com duas mulheres cientistas, através de entrevistas pelo WhatsApp e pessoalmente. As duas mulheres que fazem parte desse trabalho são brasileiras, uma delas nascida no Norte do país e a outra no Sul, com realidades econômicas distintas.

A Mariana é doutoranda das Ciências Sociais em uma universidade do Norte do Brasil, tem dois filhos (3 e 4 anos), casada há 11 anos. Seu esposo cuida dos filhos enquanto ela avança na sua pesquisa, no menor tempo possível. A renda familiar é uma bolsa de doutorado. Conheci Mariana pessoalmente e conversei com ela muitas vezes sobre maternidade e vida acadêmica.

Laura é doutora em química, há 16 anos, formou parte da equipe contratada para formar um programa de pós-graduação em uma universidade estadual do Norte do Brasil e coordenou programas de pós-graduação durante o pós-parto. É divorciada, com um filho de seis anos e sem apoio econômico significativo do pai da criança. Ela rejeita fazer um concurso público, dar aulas em pós-graduação, orienta mestrado e doutorado e empreende sua própria empresa de biotecnologia. As entrevistas foram realizadas principalmente no escritório de Laura, além de acompanhá-la em outras atividades na escola do filho e no grupo de mães da escola.

Mulheres diferentes umas das outras, mas que vivem a maternidade no mesmo tempo. Ambientes acadêmicos distintos, ciências sociais e ciências básicas, mas que buscam conciliar etapas da profissão acadêmica com a maternidade.

Existe uma nova maternidade?

As novas maternidades colocam em discussão as novas conformações e arranjos familiares que, os casais e pessoas em idade reprodutiva e produtiva, estabelecem para se desenvolverem em uma sociedade ocidental, moderna e individualista. “Nas famílias mais “modernas” se busca uma relação “igualitária” nas responsabilidades dos sexos, assim como o “diálogo franco e aberto entre as gerações” (BRUSCHINI, 1990). Os almejos por ter uma família distinta, onde os papéis entre gerações e gênero são reorganizados, constitui-se maternidades compartilhadas com trabalho, academia, parceiro levando uma “paternidade ativa”, entre outras novidades que acompanham a experiência da maternidade. As mulheres/mães parecem viver algo diferente das maternidades de outras gerações? Ou é mais do mesmo, porém agora é sendo falado, compartilhado através dos diversos meios de comunicação?

Os novos modelos de maternidade são criticados por algumas intelectuais feministas, observando questões como a tendência ao naturalismo, criação democrática ou outras falas que descrevem as tendências de modalidades de criação que coloca à mulher no lugar da natureza; debate que fundamenta a luta feminista. O termo para essa maternidade contemporânea fortemente criticada é: a maternidade intensiva, conceito analisado por diversas autoras. A Sharon Hays (1998 *apud* GAITAN, 2017), declara que nos finais do século XX se fundou a ideologia de maternidade intensiva como um enfoque hegemônico da adequada forma de criar os filhos. Essa modalidade de maternidade é fundamentada em três ideais: que as crianças precisavam de cuidados de um referente único, no caso a pessoa “ideal” é a mãe; as mães teriam que dedicar tempo, recursos materiais e dinheiro na criação dos filhos e ter conhecimento e compreensão das necessidades emocionais e intelectuais das crianças.

Para manter as duas ideias anteriores, seria necessário explicar que o trabalho remunerado e as atividades de criação são incomparáveis, os filhos seriam imensuráveis na escolha de uma mulher (GAI-

TAN, 2017). Donath (2017) considera que esse modelo de maternidade significaria para mulher uma “lembrança de que estão impregnadas do gênero feminino”, sendo crítica à “armadilha da feminilidade” que a sociedade constrói perdendo a mulher e deixando-a sem liberdade nem possibilidade de escapatória.

No entanto minhas interlocutoras, sendo mães, continuam no mercado do trabalho. Laura é Co-CEO de uma empresa e Mariana é professora e escreve sua tese de doutorado. A maternidade intensiva com a variante que a mulher não se retira do mercado de trabalho, estando, ao mesmo tempo no trabalho e no lar; e o mesmo lar divide-se em diversas frentes como: cuidados e educação da criança, atenções do marido e demais tarefas domésticas.

A proposta de algumas feministas, poetisas e mulheres dos diversos movimentos que tratam da sexualidade e saúde feminina, seria uma maternidade prazerosa como parte da sexualidade feminina. Algumas feministas apoiam a ideia de uma maternidade entranhável², em que a mulher teria o poder e o controle sobre sua experiência. Tal idealização da experiência da maternidade está fundamentada em diversos argumentos, naturalistas, ecologistas e com uma característica política de movimentos que revolucionam as relações que se estabelecem em torno de uma mulher/mãe. Esta maternidade, no contexto social em que se desenvolvem as minhas colaboradoras de pesquisa, poderia muitas vezes representar um mito.

Uma das tantas retóricas das novas maternidades é que as mulheres têm abandonado o mercado laboral para se dedicar aos cuidados com a prole (BADINTER, 2011; SOUZA, 2015), retornado, portanto, à esfera doméstica. Provavelmente as francesas foram as primeiras a optarem por esta decisão de aceitar os novos modelos de maternidade. Segundo Badinter e Danzelot (1990 *apud* GAITÁN, 2017) as mulheres das classes altas e populares, apesar de serem as mais reservadas aos novos modelos de maternidade, também encontraram nela a oportunidade de conseguir a emancipação almejada, entendiam a “nova função maternal como algo que podia melhorar sua condição pessoal”. Diferente aconteceu com as mulheres da classe trabalhadora, classe média em alguns países latino americanos, que não possuem tempo para brincar com os filhos e educá-los, a maternidade continua sendo uma carga intensa aonde parece ser impossível de alcançá-la de forma prazerosa, sem que a sociedade realmente a ampare.

Considero importante denotar que na atualidade as mulheres continuam desconstruindo teorias em torno de sua sexualidade como o “dimorfismo sexual”, da castração e a da inveja do pênis (FREUD, 1915 *apud* CARNEIRO, 2011). Badinter (2011) responsabiliza a mãe por estabelecer um relacionamento com o filho bebê e pôr em perigo o casamento com o marido. Aliás, o aleitamento materno é objeto de regulações, julgamentos e debates, uma experiência feminina física que cada mulher deveria viver no privado se tornou um objeto público de resoluções sociais:

Se a mãe amamenta durante meses, ou mesmo anos, o que sobra para a intimidade do casal e sua sexualidade? Tanto que nem sempre é fácil distinguir o seio nutridor do

² Os coletivos feministas, propõem a ideia de uma maternidade que contemple três aspectos: vontade, prazer e amparo social. A *maternidade voluntária* concebe-se como uma escolha “livre de constrangimentos biológicos e sociais[...] no livre acesso a contracepção e na interrupção de gravidez indesejada”; A *maternidade prazerosa*: enfoca-se em desconstruir a noção da maternidade sofrida e sacrificante. A maternidade vista sem expectativas e crenças ancestrais sobre padecer no paraíso; A *maternidade socialmente amparada*: na busca do reconhecimento da maternidade como trabalho social, e deixando claro que os “direitos das mulheres são inseparáveis dos da criança, não existindo nenhum a priori” (Ver mais em CARNEIRO, 2011).

objeto sexual. A mãe que amamenta sente prazer, mas ela não é mais necessariamente objeto de desejo para o pai que a olha. E conhecemos inúmeras jovens mães que confessam ingenuamente que o casal que elas formam com o filhinho lhes basta, que elas não têm nenhuma vontade de retomar a vida sexual. A mãe faz desaparecer, então, a namorada e põe o casal em perigo (BADINTER, 2011, p. 130).

Um dos aspectos que incomoda o olhar da autora, é que aparece ausente a ação do homem na criação da nova criatura. O casamento se forma com a criação da nova pessoa, através da união de duas pessoas sexualmente reprodutivas, mas parece que as responsabilidades igualitárias entre os pais nos cuidados do bebê não existem. Nas análises apontadas pela autora, em alguns momentos a mulher é considerada importante pela sociedade, mas em outros é totalmente uma marionete do sistema, falando do bebê como um império. Badinter apresenta a ideia que a mulher/mãe continua sendo responsável pelos cuidados com a criança e com o marido. Aparentemente, ainda que ela “não tenha nenhuma vontade de retornar a vida sexual” por estar em período pós-parto e seu corpo está em recuperação, continua responsável também pela manutenção do casamento com o pai da criança.

Até recentemente a sociedade destinava as mulheres à maternidade ou à prostituição, diante das lutas empreendidas pelas mulheres para ocuparem mais espaços públicos, essa percepção mudou significativamente. Os corpos femininos eram naturalizados e normatizados para ocupar o lugar da natureza, cumprir com um labor biológico: reprodutivo e sexual. Badinter escreve suas primeiras obras sobre maternidade em 1980, e 30 anos depois revisita o tema fazendo uma forte crítica à maternidade moderna, mostrando que durante essas três décadas a concepção de maternidade não foi acompanhada em sua evolução. Portanto, depois da desconstrução do mito do amor materno, aconteceu uma “revolução silenciosa”, cujo “objetivo é considerável, já que se trata, nem mais nem menos, de recolocar a maternidade como cerne do destino feminino” (BADINTER, 2011, p. 9). A francesa considera que estaríamos voltando a moldes rousseauianos, aonde as mulheres são explicadas pela natureza e o instinto materno seria o pilar para essa explicação.

Para Carneiro as conjecturas de Badinter evidenciaria “uma crise da identidade feminina em tempos de notória igualdade de oportunidades e de tarefas entre homens e mulheres”. O perigo da instalação da ideologia da maternidade ecologista ou naturista coloca as mulheres no lugar da natureza sendo responsáveis pela reprodução, e os homens pela provedoria do lar. Se fizermos uma regressão aos tempos em que as mulheres eram donas de casa e essa era a única possibilidade para elas, podemos supor que parece que em algum momento as mulheres/mães das mães contemporâneas - geração de avós mães de mulheres/mães - advertiram suas filhas a não cometerem o erro de perderem as conquistas possibilitadas pelas lutas feministas das décadas dos 60’ e 70’. Rago (2002 *apud* CARNEIRO 2011) considera que isso acontece porque as gerações de mulheres jovens desconhecem os direitos conquistados nas lutas lideradas historicamente pelo feminismo. Por alguns momentos, parece ter acontecido uma “naturalização da igualdade de gênero” e que “não fosse mais preciso pensar e agir em nome das mulheres”.

A aspiração de muitas mulheres/mães na modernidade é ser “boa mãe”. Porém, oprimidas, arrependidas, deprimidas, acabam contrariando o desejo de ser boa mãe. Essas são algumas das expressões lidas e escutadas de mulheres mães colaboradoras deste trabalho. Ler agonia em vez de felicidade produz um choque no público. Assim, a maternidade nas mulheres/mãe modernas é expressada abertamente como incômoda, mas deixando sempre o amor pelos filhos esclarecido e evidente. As mudanças nos padrões de maternidade contemporâneos vêm com categorias que dividem o universo materno no que é

“bom” ou “ruim”, como todo comportamento humano. Esta aspiração representaria cumprir com a expectativa social de que toda mulher/mãe ama, cuida e educa sua prole “sem reservas nem condições” (DONATH, 2017).

Algumas mulheres/mães jovens falam de uma geração de mães que pode levar uma maternidade distinta àquela das suas mães, uma maternidade vivenciada por mulheres cientistas, trabalhadoras, profissionais. Mariana expressa sobre sua mãe:

– Ela é uma mulher, que ela exerce os papéis femininos para os quais ela foi educada, com maestria para ninguém colocar defeito. Ela faz a melhor comida. Ela passa as roupas, de todos da casa. Ela serve nos pratos aos filhos homens, ao esposo. Ela é a mulher para qual a sociedade está treinada, ne? A sociedade quer essa mulher, e a minha mãe é essa mulher. Eu tenho muito orgulho dela, ela abre mão de muitas coisas para fazer esse papel. Ela cuidou de nós, com toda a sua vida, com todo seu empenho. E é isso. Eu não sou essa Mãe, mas nem por isso eu sou menos importante que ela (Mariana, áudio de Whatsapp 05/05/2019).

Mariana e seu marido fazem um casal unido em todo o projeto de preparação acadêmica profissional dela. Ele cuida dos filhos enquanto ela estuda. Porém ela continua sendo o centro das atenções para os filhos quando está de volta em casa, eles demandam sua presença física e atenção. As mulheres/mães na modernidade, informadas e com discurso de transformações nos padrões de criação e cuidados tradicionais, constroem modelos de maternidade diferenciados por serem gestados na conciliação com as outras tarefas que as mulheres desenvolvem na sociedade latino-americana.

Os padrões modernos de maternidade, condicionados por categorias sociais de boa/má mãe, usufruem da escolha como um fenômeno contemporâneo, fruto das lutas feministas. Porém, a desconstrução do tabu sobre corpo das mulheres permanece. Meyer (2005) pondera os processos de gestão da vida das mulheres/mães e identifica que as políticas contemporâneas são feitas pelo Estado, quem normatiza a maternidade e contrapõe os grandes esforços das teorias feministas por politizar o feminino e a maternidade juntos. Nesse ponto é quando as políticas públicas constroem o sujeito mulher separado do sujeito mãe, isto é, “uma não se configura necessariamente como sendo a extensão da outras” (CRUZ, 2015, p. 29). Olhar para esse debate é interessante para perceber que inclusive nos movimentos sociais a mulher é dividida em pessoas diferentes se for ou não mãe. A experiência das mulheres que se tornaram mães demonstra uma passagem que, como todo rito, não tem retorno. Converte-se em outra pessoa que representa o feminino de uma outra forma.

Breve olhar à família

Fonseca (1995) em seu artigo “Amor e Família: vacas sagradas da nossa época” publicado em 1995, analisa brevemente o “Casal Iguatário” de Salem nas camadas medias de Rio de Janeiro, e considera o conceito um mito moderno, que acaba quando as expectativas e idealizações encontram se com os arranjos da sociedade. Cuidados do bebê, igualdade entre a mulher/mãe e o homem/pai, intimidade do casal distante dos próprios pais, chega a ser um conjunto de almejos que não bate com o comportamento social.

Em um contexto onde creches são poucas e malvistas e onde a filosofia naturalista recomenda a presença contínua da mãe, a mulher da família abre mais facilmente mão de sua carreira profissional - e essa desistência leva inevitavelmente a uma divergência dos caminhos masculino e feminino. Ainda mais, a família extensa volta, neste momento, a figurar com maior importância e a introdução dos parentes maternos nas atividades ligadas ao cuidado de nenê constitui um obstáculo a mais à intimidade dos esposos. Ora, não há nada intrinsecamente estranho nestes rearranjos que parecem bem adaptados ao contexto social e material deste grupo de pessoas (FONSECA, 1995, p. 83-84).

Na experiência de Mariana, a família e as amigas fazem pressão para mudarem os acordos que ela e seu marido tomaram, como, por exemplo, no caso dela estudar e ele cuidar das crianças durante o dia, sem trabalhar. Durante o mestrado a família aconselhava: “tranca o mestrado e cuide de sua família”. Ela expressa ao final da entrevista um certo cansaço em se explicar ao pensamento da família tradicional:

– Ele deveria estar trabalhando e eu cuidando de nossos filhos... o julgamento também das pessoas é muito difícil. Para aquelas pessoas que não estão acostumada com esse tipo de organização familiar é muito difícil para elas conviver. Principalmente quando elas são os nossos pais, os meus próprios irmãos. É difícil eles verem. “Ahh, mas você tá passando uma situação difícil e economicamente financeira porque você quer. Você pode muito bem trabalhar, você é mestre, pode trabalhar no Universidade, seu esposo pode trabalhar. Vocês podem colocar, o filho de vocês na creche, e resolve todos os problemas”.. Porque o doutorado não é uma coisa que tem validade, o nosso eixo familiar é ironicamente, no atual cenário político brasileiro, também não quer não tem toda a validade, né? (Mariana, áudio de Whatsapp em 05/05/2019).

A questão de enviar as crianças à creche, a decisão da escolarização, o tipo e alimentação, e até as decisões sobre a saúde da criança são alguns dos aspectos que entram em debate entre as mulheres mães e seus núcleos familiares, aliás com a própria mãe dela. A família da mulher, pode ou não representar uma pressão social para a tomada de decisões na sua vida. As decisões são sempre tomadas em função do que é melhor para garantir um futuro para sua prole. Muitas vezes, isto gera tensões entre a mulher/mãe com seus pais, irmãos e amigas. A Laura expressa não se importar com as opiniões ou desejos de intervenção da sua mãe ou sua irmã, apenas se incomoda quando é cobrada a levar um padrão profissional: se formar, fazer mestrado, doutorado e fazer concurso público. Considerando isto uma exigência profissional que não cumpre com seu modo de vida.

Uma geração de mãe que pode levar uma “maternidade distinta”, uma maternidade vivenciada por mulheres científicas, trabalhadoras, profissionais, poderia ser mensurada e estudada desde o viés da rede de apoio com que disponha a pessoa/mãe. Indiferentemente da dimensão dessa rede de apoio e o tipo de filiação que se tenha com a mãe; a rede de apoio para uma maternidade na modernidade requer políticas públicas que promovam a construção de creches, particulares e públicas. Um companheiro(a) que com- parta saudavelmente o projeto de criação, num contexto familiar, ou uma avó, amigas(os), vizinhas(os), que vão construindo o entorno de uma mulher/mãe, que no contexto individualista moderno, cada dia vive o processo em solidão. Dessa forma poder produzir, acompanhar, educar e cuidar da nova pessoa que chega ao mundo através dela.

Cientistas vivendo a maternidade

As mulheres questionam-se constantemente as decisões tomadas, seja uma decisão profissional, acadêmica, do casamento, ou entorno à maternidade. A palavra “culpa” é recorrente nos discursos das mulheres mães e habita na construção social da maternidade. “Tal Mãe, tal Filho” palavras de uma publicidade do “Dia das Mães” na revista de uma loja brasileira no 2019, onde a imagem são três fotografias com a mesma mulher sorrindo, perfeitamente maquiada, “filhos sorrindo”. Fala sobre uma “maternidade ideal” mercantilizada e almejada nas camadas médias da América Latina. Essa mercantilização da maternidade gera expectativas na mulher grávida, as quais são rapidamente desconstruídas com a chegada do filho, com o nascimento da nova pessoa. A chegada da nova pessoa na idealização dos cuidados pessoais e com o bebê, o tempo e o trabalho, convertem-se em catalizadores do que Donath (2017) chamou de “ambivalência materna” (Donath, 2017, p. 63).

A decisão de ter o filho, para Laura e Mariana, é inquestionável. Os desafios da maternidade, da conciliação da profissão com as responsabilidades familiares, são os fatos que geram maior peso nas experiências de conflitos, dúvidas e ambivalência dessas mulheres que decidiram ser mães. Mariana comenta por exemplo sobre a chegada de seu segundo filho: “Eu pensei todas as possibilidades quando eu soube da segunda gravidez. Eu sou cristã, então o aborto, era e continua sendo para mim... não é uma alternativa, algo descartado, é algo inconcebível. Eu não conseguia pensar nessa possibilidade, mas eu comecei a pensar tantas coisas”. A certeza que a chegada de uma pessoa à vida implica um futuro carregado de responsabilidades e compromissos, é a questão principal na cabeça das mulheres que são surpreendidas pela gravidez. Daí derivam diversas reflexões, propostas por Mariana: estudos científicos, terapeutas, psicólogos e demais, que podem fundamentar os conhecimentos das mulheres/mães como responsáveis, quase absolutas, do bem-estar das pessoas que produzem. Por tanto culpáveis pelo que resulte.

A culpa é a palavra que se repete nos discursos maternos, como uma carga “onipresente” nas mulheres/mães originada na “dificuldade de lidar com o doloroso sentimento provocado pelo fato de experimentar a ambivalência maternal em uma cultura que se esquiva da existência de algo que ela mesma ajudou a criar” Donath (2017). A autora comenta que para psiquiatria, de com acordo a psiquiatra Helene Deutsch,³ a ambivalência faz parte do mundo emocional das mães, o que significa que estas sofriam de um “masoquismo feminino natural”. Aliás o conceito de ambivalência materno de Donath, parece ser propício para a população de mulheres de sua pesquisa, mães que se arrependem de ter sido mães. As mulheres que formaram parte da pesquisa da autora israelita, são cuidadosas e deixam esclarecido que não tem reclamos da existência da nova pessoa, os filhos, o respeito pela vida do outro que veio através delas é inquestionável.

É curiosamente difícil acreditar na ambivalência materna [...] não seria simplesmente uma desculpa apócrifa para mães que odeiam seus filhos [...] Não é fácil para nenhuma de nós aceitar de verdade que ao mesmo tempo amamos e odiamos nossos filhos. Pois a ambivalência materna não é um estado anódino de sentimentos misturados, mas sim

³ A primeira psiquiatra, austríaca, que se especializou em estudos da mulher e sexualidade feminina a finais do século XIX

um estado mental complexo e contraditório, compartilhado de maneira diversa por todas as mães, no qual coexistem sentimentos de amor e ódio pelos filhos” (DONATH, 2017, p. 63).

A história de Laura mostra uma experiência de se converter em mãe aos 38 anos, sem se planejar e considerando que já não teria filhos. Ganhar um filho não planejado, não impede que ela afirme que ter tido um filho foi sua “sua melhor experiência humana...eu poder ter uma pessoa, de uma geração que eu vou poder repassar algo. E tudo que eu falo para ele, ... eu não tenho nenhuma dúvida, que eu faria novamente. Eu teria novamente um filho” (Entrevista Laura 19/04/19). Quando fala de “ter novamente” refere-se a estar satisfeita por ter ganhado seu filho, mas sente-se tranquila e segura de não ter útero após uma cirurgia que precisou tirar o órgão, pois assim não terá mais filhos com certeza.

Para Laura a educação numa “boa escola” para seu filho é importante, assim como necessário que o menino vá na escola enquanto ela trabalha. Ela mesma em entrevista se afirma “como mãe solteira e permissiva. Estou cansada, e educar significa tempo e paciência.”. Depois de mais de 20 anos laborando ativamente, a chegada de seu filho foi uma mudança significativa na sua vida profissional; mudanças marcadas violentamente pelos conflitos com o pai da criança e a dinâmica de cuidar e educar uma criança. Ela afirma não ter apegos excessivos ao filho, mas considera fielmente que a guarda legal, deve ser dela. Sendo que ela é a mãe, e “o pai tem problemas psicológicos... Pode passar um ou dois meses em casa do pai, só porque a avó está cuidando de” seu filho.

Maternidade na atualidade

No caso da mulher latina – representadas aqui por Mariana e Laura – são mulheres mães que não consideram a maternidade uma complicação. A complicação são as outras coisas a fazer, que desejam fazer, mas que deveriam ser mais maleáveis com a maternidade. Consideram que deveriam haver espaços, políticas e estruturas compatíveis com a maternidade. Um mundo mais flexível no acompanhamento e construção, formação, produção e cuidado de uma nova pessoa. A maternidade precisa desse mundo.

Chama a atenção como as duas mulheres que participam dessa pesquisa, se emocionam ao falar de quando difícil é conciliar as diferentes responsabilidades da vida da mulher moderna ocidental e o que elas desejam viver com tranquilidade: a maternidade. Independentemente do tempo que cada uma delas considere adequado para compartilhar com sua prole, traça se um almejo de poder levar esse processo de sua vida – o que elas consideram que é sua maternidade – e o resto dos elementos, instituições e experiências que fazem parte de sua vida como mulher. Laura considera que compartilhar o processo da criação do filho com o pai foi o peso mais complexo da maternidade, incluindo a amamentação do bebê gerou muita pressão e agonia durante o puerpério.

“Eu não podia estar só. Ele tinha que acompanhar em todo o processo de criação, mas uma coisa sufocante. Os dois estivessem juntos, ele não dividia as tarefas da forma que eu podia descansar. Não, ele tinha que fazer juntos” (Entrevista Laura, 19/04/19).

É bem assim como, a produção de novas pessoas é conveniente para a sociedade e a pessoa nascida numa classe média uma potencial pessoa produtiva para o capital da sociedade, a “mulher-mãe” que traz aquela pessoa ao mundo, tem que ser construída, separada da mulher original. Cruz (2015, p. 329) expressa que “mulher e mãe são posições de sujeitos distintas” e “socialmente construídas”. Portanto, uma não

se configura necessariamente como sendo a extensão da outras”. Para Donath (2017, p. 25) o termo *mulher-mãe* “descreve de maneira concisa o que tem sido encarada como um fato transcultural desde o princípio da história humana: as mulheres não são apenas as principais cuidadoras de seus filhos, mas também mães em si mesmas”.

Em algumas oportunidades Mariana falou: “meu marido é maravilhoso, passa todo o dia com as crianças. Eu passo todo o dia na faculdade e chego em casa e as crianças é como se nunca tivessem me visto, só querem estar comigo. Como se demanda igual a mãe que não tiveram durante o dia todo.”

A mulher mãe ocidental informada, com formação universitária e psicologizada, têm-se ido construindo sobre uma estratégia de resolução do cotidiano na criação dos filhos. Um contínuo inventivo, reorganizações e rearranjos que lhes permite se aproximar ao almejo da experiência materna “ideal” para cada uma delas. Mariana descreve o momento de conciliar a maternidade com a vida acadêmica como um “esforço pessoal”.

Só questão de fazer mestrado foram os dois anos mais intensos, que eu tenho vivido. Mas ainda não bastasse, eu me descuidei com tudo isso, a profissão, eu estava exercendo a profissão de professora, era tudo que eu queria; eu estava com um bebê recém-nascido, que também era um sonho; e eu estava fazendo mestrado eram três coisas distintas (Mariana, áudio de Whatsapp em 05/05/2019).

Finalizando o mestrado ganha seu segundo filho e passa do Doutorado numa outra cidade. Ela e seu marido decidem mudar-se e viver com os dois bebês da bolsa Capes que ela ganha. Para Laura e Mariana, a maternidade desconstruída, como elas estão levando, parece não representar uma resposta a normatização da maternidade, nem muito menos o conflito que nos faz retroceder à vida dos anos que as gerações de nossas mães libertarão em suas lutas dos anos 60’ e 70’ (BADINTER, 2011). Estaríamos melhor frente num cenário em que as mulheres experimentam a maternidade como experiência defendida “e posta em palavras pelas próprias mulheres de acordo com suas grades de leitura, possibilidade de transcendência e de construção cultural, podendo ser, conseqüentemente um ato criativo” (RICH, 1996 *apud* CARNEIRO, 2011, p. 267).

Assim em 2011, planteia-se um panorama político, biológico e, portanto, social da maternidade voluntária, prazerosa e socialmente amparada, descritas por Carneiro na sua tese doutoral sobre *Cenas do parto e políticas do corpo*. De acordo com Diniz (2002 *apud* CARNEIRO, 2011, p. 247) o Coletivo-Feminista de Sexualidade de São Paulo, “inspirado no coletivo feminista *Dispensaire des Femme, de Genebra*” defendiam uma maternidade voluntaria livre de constrangimentos biológicos e sociais; prazerosa, com a premissa de desconstruir a representação da maternidade socialmente construída e ambivalente, es dizer, composta de satisfação mas também de dificuldades e; socialmente amparada, com a abrangente premissa que “os direitos das mulheres são inseparáveis dos da criança, não existindo nenhum a priori”, considerando a maternidade um trabalho social (CARNEIRO, 2011).

O anterior exposto descreve uma proposta de maternidade desconstruída e moderna, com características “ideais”, e para ser desenvolvida numa sociedade ocidental. Tenho vindo olhando para as particularidades femininas de latino américa, como sociedade toda, percebo que o discurso feminino, que nasceu na liberdade de ter voz -liberdade coletada das lutas que plantarão gerações anteriores - está carregado de desejos e expectativas de igualdade na distribuição das tarefas do lar entre o casal, uma igualdade que

busca, em alguns momentos, que o trabalho doméstico seja reconhecido ou equiparado com o trabalho não doméstico. E a sua vez, a representação masculina latino-americana tem características que estão sendo debatidas recentemente por diversos autores e que requereria ao menos um artigo para debater exclusivamente, porém é importante destacar dois fenômenos interessantes que se evidenciam cada vez mais: os homens de gerações atuais, homens pais, progenitores de novas pessoas, estudados, profissionalizados e psicologizados, tem começado a debater masculinidades e criar grupos de homens, entre outros movimentos que abrangem diversas temáticas como a “paternidade ativa” o as “novas paternidades”.⁴

O casal que Mariana forma com seu marido, é constantemente atingido por julgamentos familiares e amigos, porque ele deixou seu trabalho estável para cuidar dos filhos, enquanto ela faz sua pesquisa. O jovem casal tem conseguido se organizar e rearranjar na organização dos cuidados dos filhos, para poder levar os projetos juntos. Eles um casal cristão, juntos desde adolescentes, com dois bebês, têm construído uma estrutura de família que consegue dançar com as pressões familiares: “Ele deveria estar trabalhando e eu cuidando de nossos filhos”, essas palavras não são obstáculos. Mas que as ameaças do Estado, do MEC, do corte de Bolsas de pós-graduação, do pouco apoio à pesquisa no país, desmotivam o projeto contra hegemônico do jovem casal.

Assim todos esses novos rearranjos sociais, pessoais e “padrões de maternidade contemporânea” ou atual, passam por um processo de transmissão de informação através das gerações anteriores de mulheres, lutas feministas, conquistas feministas, conquistas de diferentes setores da sociedade ocidental, e avanços tecnológicos na contracepção e concepção, saúde da mulher, entre outros. O qual, a partir do século 20 tem se consolidado com o dilema “de ser mãe ou não ser mãe” e por tanto “a maternidade como escolha”, evidenciam-se nos estudos sociológicos sobre maternidade ao início do século XXI (SCAVONE, 2001b).

A “escola reflexiva” constitui, segundo Scavone (2001b), um dos elementos desse período de transição em direção à consolidação de um *novo modelo de maternidade* e permite que as mulheres possam decidir se desejam ou não serem mães, o melhor momento para tal experiência, o número de filhos que desejam ter e também a possibilidade de “decisão ou adequação entre vida profissional e familiar” etc. (CRUZ, 2015, p. 329). Se bem é certo que as maternidades contra hegemônicas e desconstruídas, representam hoje em 2019, uma mudança na sociedade. Mulheres de classe média, acadêmicas, psicologizadas, lidas e informadas, trabalhadoras e ocupadas -em idade reprodutiva-, tem decidido ter filhos, ser mães das diversas modalidades, orientando a criação de seus filhos. Scavone, Meyer e De Sá dialogam sobre a forma em que o “destino inevitável das mulheres” pode ser desconstruído a través da “possibilidade de escolha (*dimensão reflexiva*) no contexto das tecnologias reprodutivas, a volta ao lar (tabu às avessas) e o *processo de gestão da vida de mulheres-mães* (normatização da maternidade)” (CRUZ, 2015, p. 329). Porém considero que ainda estamos na dimensão reflexiva das mulheres. A volta ao lar, considero que tem que se questionar se em algum momento a mulher latino-americana saiu do lar?

Laura e Mariana tem desenvolvido sua maternidade num contexto social em que “ser mãe” tem particularidades que evidenciam o sistema de organização familiar do Norte do Brasil. As tarefas de cuidados, educação e sustento da prole se constituem com a presença significativa de uma rede de apoio, avós, vizinhas, tias. No Norte do Brasil, contar com uma rede de apoio feminino, próxima, é um fator importante no cuidado da nova pessoa que a mulher mãe traz ao mundo. A ausência dos homens pais é

⁴ Elvis Canino e Outros, escreveram *Uma Nova Paternidade*, um livro que reúne vários homens pais – psicólogos, médicos e terapeutas – da América Latina e Espanha, falando sobre paternidade.

bem comum, as avós e as tias cuidam os filhos das mães que trabalham. As casas são habitadas por mães-prole, tias e avôs. Mariana, nascida em Rondônia, reconhece o esposo extraordinário que tem: “[...]considerando a maioria dos pais que conheço, que abandona os filhos, ne? Eu contei com esse apoio, e isso foi muito bom!!”, para o momento de cursar o doutorado, morando em outra cidade, distante da rede familiar, o fato que seu esposo saíra do padrão masculino, foi fundamental. Para Laura a rede de apoio é distinta, ela uma mulher do Sul, casou e teve seu filho no Norte do Brasil, bem distante da família em Santa Catarina. A separação do marido levou a estabelecer uma família monoparental, respaldada por amigos, escola, e mães de amigos de seu filho.

Por último, comento que o processo de “normatização” da maternidade, seria a mudança mais notória quando as instituições familiares, religiosas, médicas, Estado, etc., consigam olhar para as mulheres-mães e o binômio com direitos desassociáveis: mãe-filho, como pessoas que estão estruturando grão a grão nossa sociedade e que ao mesmo tempo precisa ser acompanhada para ser construída. É dizer, o almejo das mães: se reconheça seu labor e se acompanhe, apoie e libere de cargas na construção de novas pessoas.

Referências

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BRUSCHINI, Maria C. *Mulher, casa e família*. Cotidiano nas camadas médias paulistanas. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

CARNEIRO, Rosamaria. *Cenas do parto e políticas do corpo: uma etnografia de práticas feminias de parto humanizado*. Campinas: UNICAMP, 2011.

CRUZ, Fernanda. “Da maternidade como invenção de novas possibilidades de vida. Análise das experiências de jovens egressas de serviços de acolhimento institucional”. In: *Civitas*. Porto Alegre: PUC-RS, 15(2), 2015. pp. 326-341.

DONATH, Orna. *Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

FNSECA, Claudia. “Amor e família: vacas sagradas da nossa época”. In: RIBEIRO, Ivete; RIBEIRO, Ana Clara Torres (org.). *Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira*. São Paulo: Loyola, pp. 69-89).

SCAVONE, Lucila. “Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero”. In: *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu: UNESP, n. 8, 2001. pp. 47-60.

WIGGERS, Raquel. *Família em conflito: violência, espaço doméstico e categorias de parentesco em grupos populares de Florianópolis*. Dissertação (mestrado em Antropologia). Florianópolis: UFSC, 2000.

ZANOTA, Lia. “Famílias e individualismo: tendências contemporâneas no Brasil”. In: *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu: UNESP, n. 8, 2001. pp. 11-26.

Recebido em 30.08.2019

Aprovado em 06.12.2019